

Parjay, Dr. Frederic P.
Moçambique.
Lisbon, 1963.

219

TURISMO

OS MARIMBEIROS DE ZAVALA

A cerca de 300 km a nordeste de Lourenço Marques, muito perto do oceano Índico, encontra-se a povoação de Quissico. Foi neste local que assistimos a uma representação do grupo folclórico da tribo dos chopes. Quissico está separada da baía de Moçambique por uma extensa faixa de terra com cerca de 140 km de comprimento. Entre a povoação e a baía existe, ao longo de toda a costa, uma cadeia ininterrupta de pequenas lagoas. Um lindo panorama! Desde o distrito de Gaza ao de Inhambane, passando por Zavala, encontram-se trinta e seis destas lagoas, as quais parecem separadas umas das outras por distâncias matematicamente iguais. De Quissico desfruta-se um magnífico panorama que se estende até à região das colinas cujos contornos verdes são reflectidos pelas águas azuis das suas lagoas. Os componentes do grupo dos chopes começam a juntar-se, pouco a pouco, num vasto planalto, com vista sobre as lagoas, na orla da povoação. O grupo é constituído pelos músicos da orquestra — os marimbeiros — e os dançarinos, homens e mulheres.

É digno de nota o facto de este grupo folclórico ser mantido, e a sua actividade fomentada, por sete associações. Todas elas, num total de 1200 sócios, formam uma federação que não só assegura, através das suas contribuições, a manutenção da orquestra e dos dançarinos, mas também auxilia estudantes pobres e subsidia duas escolas, provando assim tratar-se duma organização altruísta exclusivamente com fins culturais, merecendo por isso toda a nossa simpatia.

A orquestra é composta por membros que tocam «timbilas», xilofones, utilizadas, conforme os vários sons, em seis tipos diferentes. Segundo Hugh Tracy, estes instrumentos são distribuídos, na orquestra, da seguinte maneira (em dialecto dos chopes):

4 chiculos	—	Timbilas de duplo baixo
4 dibindas	—	» » baixo
2 doles	—	» » tenor
7 mbingues	—	» » tenor
11 sangues	—	» » contralto
12 chilanzanas	—	» » soprano

O lugar do dirigente é no centro na primeira fila da orquestra, ao passo que os marimbeiros se sentam em duas filas perpendiculares a esta. A seguir os dançarinos colocam-se, paralelamente à primeira fila, em duas longas alas frente a frente. Usam vestes de guerra e trazem lanças nas mãos. Os membros da orquestra têm, nas costas, peles de chacais. Os dançarinos, de pé e rígidos, aguardam. O início do espectáculo deve ser dado pela orquestra. Por enquanto reina um completo silêncio. Os músicos estão sentados diante das suas timbilas, atentos, com as baquetas preparadas.

Há uma grande disciplina nas suas filas. Na máxima concentração todos esperam o sinal do dirigente.

É então começa...

Temos a impressão de que soam em unísono centenas de flautas, oboés, tambores e pífaros. A nossa respiração suspende-se, invadidos por uma sensação estranha que não sabemos a que atribuir. Será devida à atmosfera africana, ou o entusiasmo dos músicos transporta-nos a outras esferas? Ou ainda ao compasso comovente e extremamente dinâmico? Não o sabemos ao certo. O que podemos afirmar é que sentimos algo de muito estranho que nos prende e fascina. No primeiro momento esta estranha música africana parece-nos um caos de sons, mas logo a seguir notamos a harmonia existente no estampido das timbilas, de sons variados e estridentes. Só um maestro ou um músico nato conseguiriam descrever a diferença entre uma orquestra normal e este conjunto dos chopes. Uma tal descrição não será, porém, necessário fazer pois o que importa é o efeito que os marimbeiros produzem em nós. Mal começam a tocar, caímos num êxtase que não mais nos abandona, visto o dinamismo do ritmo subir num crescendo vertiginoso ao entrarem em acção os dançarinos. O seu repertório eleva-se a quinze danças mas em geral executam apenas três ou quatro. A primeira e mais importante destas danças é a da guerra, que publicamos na nossa documentação fotográfica. Chamam-lhe «dança da espada» e simboliza, por meio de espadas, a luta entre duas tribos guer-

reiras. Citamos ainda a «dança de recuar» acompanhada deste canto, da autoria do compositor, já falecido. Catine, que tem o seguinte poema:

*Notamos-te, notamos-te,
Oh filho de régulo!
És manhoso, mas Catine
Observa e finge não ver a tua manha.
Assini Catine, o grande compositor de timbilas,
Cantar-te-á um dia!
Entretanto observamos a tua manha.*

O compositor Catine soube que determinado habitante da aldeia tentava seduzir uma rapariguita muito jovem e adverte-o de que o tinha sob observação. Parece que o culpado não arrefeceu nos seus impetos amorosos e Catine teve de modificar a letra do canto, para denunciá-lo mais explicitamente, o que teve o condão de apiacar os entusiasmos do conquistador.

É este um belo exemplo da função mais elevada da música chope. Tribuna satírica, ela caustica, diverte e moraliza a vida social da aldeia dos muchopes, servindo ao mesmo tempo de imprensa noticiosa, teatro de costumes e tribunal popular, este funcionando como autêntico pelourinho.

A «banguza» dança-se nesta região exclusivamente por lindas raparigas muito jovens. Estas movimentam-se com incrível rapidez num ritmo de vertigem e o seu aparecimento repentino entre os homens é mais comovente ainda por se entregarem à tarefa com muito realismo, empregando toda a sua força juvenil para cumprirem integralmente a sua missão.

As danças são movimentos rápidos para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás; além disso torcem e sacodem os corpos e dão pequenos saltos ao ritmo variável das pancadas nos xilofones.

É difícil para o espectador leigo verificar em que momento exacto, ou seja após qual movimento os dançarinos começam a cantar, sobretudo porque durante a exibição se executam dez ou onze movimentos. No entanto cantam sempre, o que reforça o espectáculo com um tom ainda mais excitante.

Há também outra cena em que a dança é suspensa e só se canta, o que nos foi dado presenciar no mesmo dia à tarde. Não foi em Quissico, mas sim alguns 10 km mais para o interior, nas proximidades duma pequena povoação que possuía um grande campo de *football*. Quando chegamos já havia muito movimento. Quando as pessoas tomam conhecimento dum concerto dos marimbeiros vêm apressadas de toda a parte, mesmo de muito longe. Toda a população negra se conservava num silêncio religioso como se se preparasse para assistir a um espectáculo nunca visto. O quadro era extremamente pitoresco devido às mulheres com as suas diversas e vistosas asvestes em forma de túnica, de cores muito vivas e alegres. É, aliás, assim em todas as partes da província, pois as mulheres nativas de Moçambique gostam das cores berrantes.

O espectáculo a que assistimos realizou-se num domingo, dia de descanso para todos os que trabalham. Em tal dia ainda se torna maior a expectativa da assistência, que aguarda o que este conjunto de bons artistas lhe pode apresentar e mostrar de novo. Na assistência não se compreendem apenas os nativos mas também forasteiros e estrangeiros.

Para ocuparmos o tempo de espera até à chegada dos marimbeiros de Quissico, numa volta que demos, vimos primeiro uma bonita fazenda, logo atrás do campo de jogos. Ali vivem, numa paz patriarcal, em palhotas bem cuidadas, duas famílias aparentadas de nativos.

Debaixo da frondosa copa duma árvore gigantesca estava sentado um velhote que nos cumprimentou com um sorriso aberto oferecendo-nos o seu lugar. Não aceitámos mas mostrámos interesse em ver a casa que ficava a uns passos de distância. Com uma patente satisfação, o «papá» mandou-nos entrar e explicou num português impecável que nas cinco palhotas da fazenda se encontravam instalados os membros da sua numerosa família, entre eles os genros e netos, os quais espreitavam as portas com certa timidez, vendo-lhes nós apenas o cabelo. Duas cabras comiam nos ramos baixos das árvores e pombos voavam duma casa para a outra pousando sobre os felhados. Reinava a paz e a satisfação naquela fazenda cheia de sombras. Sentámo-nos no grande quarto caiado do velhote, em frente dele, nós em cómodas cadeiras de bambu, ele na sua cama, e ouvimo-lo contar orgulhosamente que um dos filhos fazia parte do grupo folclórico de Zavala e que o neto mais velho era capitão da *équipe* do clube de *football* e, simultaneamente, o seu melhor jogador. Foi também o «papá» quem nos esclareceu que os marimbeiros, isto é, os músicos, assim como também os dançarinos, se treinam intensamente, sendo obrigados a tomar parte nos três ensaios semanais. E aí dos retardatários, pois o chefe da orquestra toma muito a sério o seu papel e impõe uma disciplina de ferro. Os componentes, por sua vez, sentem-se orgulhosos resultando daí um notável

espírito de *équipe*. Esta nossa conversa foi interrompida súbitamente pela aproximação dos marimbeiros, de cujas timbilas se faziam ouvir os fortes estampidos. Foi então que o nosso velhote se despediu apressadamente, pois toda a família largava já da fazenda para chegar quanto antes ao local do espectáculo, onde os marimbeiros já se instalavam. Pouco depois começou a representação, com a orquestra a tocar rodeada por uma enorme multidão de espectadores.

Primeiro o grupo repetiu a dança de recuar, a seguir as jovens dançaram o batuque; finalmente executaram a dança da espada.

De repente, porém, foi interrompida a música guerreira e os marimbeiros suspenderam o seu toque...

Num abrir e fechar de olhos agruparam-se doutro modo. Os dançarinos colocaram-se em dupla fileira, como se fossem militares modernos, mantendo um porte marcial. Todos permaneceram completamente imóveis.

O Sol começava a declinar, a noite não tardaria, e o silêncio que se estabeleceu quase infundia temor.

Então a orquestra começou a tocar *pianissimo*...

Os semblantes dos que ainda há pouco eram ferozes guerreiros, e que estão perfilados agora diante de nós, tornam-se sérios e circunspectos. E então começam a cantar... A melopeia melancólica do acompanhamento domina este estranho cantar parecido com uma balada. Sem percebermos nada das singulares palavras que pronunciam, somos invadidos por uma profunda tristeza.

A constante repetição da melopeia faz lembrar o *Bolero* de Ravel, mas o tom é mais profundo, sendo difícil compreendermos o sentido de tudo que ouvimos.

Será a despedida da bem-amada? Ou a separação? Estarão a cantar a desgraça, o infortúnio, a tristeza? Ou até a penitência dos pecados? Não o podemos compreender, não o sabemos, mas sentimo-lo e apodera-se de nós uma infinita melancolia... Há momentos em que a 4.^a sinfonia de Tschaikowsky nos vem ao espírito, mas logo depois estamos de novo desorientados. Quanto mais tempo durar a audição maior será a nossa tristeza. Como se fôssemos tocados pelo destino apodera-se de nós a sensação de tragédia que nos não abandona mais.

Embora este canto não pareça ter sentido religioso, afastamo-nos de tudo quanto é terreno, caminhamos para o transcendente. Tudo o que nos ocorre são interpretações tão subjectivas que não as podemos considerar de valor positivo. O certo é que nos sentimos cada vez mais abandonados, tímidos, sob a influência mítica do ininterrupto pranto rítmico da canção. São estes os pensamentos que nos passam pelo espírito durante esta cena verdadeiramente patética.

Entretanto pouco a pouco tinha escurecido quando o coro e a música do acompanhamento deixaram, lentamente, de se ouvir e ocorreu-nos a ideia da morte, a que não podemos fugir.

Em frente de nós continuavam, em duas alas, os cantores negros, agora calados. Em seguida debandaram.

O verde das palmeiras da fazenda, atrás deles, confundia-se já com o negrume da noite.

Uma ave de avantajadas proporções sobrevoou as palhotas e, batendo as suas largas asas, desapareceu na escuridão do horizonte por entre as baixas nuvens da África de sudoeste.

Curiosos por saber a significação das palavras monótonas desta canção inesquecível dirigimo-nos ao dirigente do grupo, que nos informou tratar-se, de facto, duma canção de tristeza. Chama-se «Canção Solene de Zavala» e é do falecido autor Catine. A canção tem quatro estrofes e canta a morte repentina do Chindotane Chelene:

Escutai

As novidades!

Em Chingolene faleceu Chindotane Chelene,

Sem adoecer, imitando o pai...

Os estranhos segredam:

Mistérios da sucessão ao trono...

O tom e a religiosidade com que esta canção é executada pela orquestra e pelos dançarinos-cantores são testemunho do grande valor deste conjunto, cujos membros são verdadeiros artistas.

A justeza desta nossa opinião é confirmada pelo mais conhecido folclorista da África, Hugh Tracy, segundo o qual a tribo dos chopos conta o maior número de talentos musicais, não só da África mas também de todos os povos do mundo, opinião esta que é igualmente defendida pelo etnógrafo holandês Dr. J. F. Hollemann.

Não queremos deixar de mencionar que esta faceta artística dos marimbeiros de Zavala é uma qualidade moçambicana e, como tal, credora da consideração de todos os povos africanos.

